

## Inferências sobre o ensino de Língua Portuguesa entre escolares na Amazônia

Renan Albuquerque<sup>1</sup>

Isaías dos Santos da Cunha<sup>2</sup>

### Resumo

*O artigo mostra o resultado da pesquisa realizada em uma escola da rede estadual de ensino em Parintins, estado do Amazonas, com turmas de 2º e 3º ano do Ensino Médio. O objetivo foi explorar as contribuições que letras de canções podem ter na formação de leitores críticos e autônomos. Foram utilizadas as músicas 'Negro Drama' e 'Homem na Estrada', do grupo Racionais MC's; e 'Que País é Esse?' e 'Perfeição', do grupo Legião Urbana. A metodologia foi qualitativa, com viés de análise de conteúdo, e pesquisa de campo. A conclusão é de que letra e música de canções são ferramentas que de impacto no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula, contribuindo para a formação de leitores críticos e reflexivos de suas realidades.*

### Abstract

*The article shows the result of a research carried out in a state school in Parintins, state of Amazonas, with 2nd and 3rd year pupils. The objective was to explore the contributions that song lyrics can make to the formation of critical and autonomous readers. We used the songs 'Negro Drama' and 'Homem na Estrada', by the group Racional MC's; as well as 'Que país é esse?' and 'Perfeição', by the Legião Urbana. The methodology used field research and qualitative content analysis. The conclusion is that song lyrics are effective tools that generate relevant impact in the process of teaching and learning in classroom, contributing to the formation of critical readers of their realities.*

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Amazonas.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências da Educação pela Saint Alcuin York College.

A pesquisa objetivou contribuir para o ensino da disciplina Língua Portuguesa, no que diz respeito à formação de alunados críticos e autônomos ante a realidade, a partir da utilização de música em sala de aula. A proposta foi auxiliar na interpretação do cotidiano, mediante análise de letras musicais, tomando a contento que a música é uma arte fundamental para a vida, e ainda dado que, por meio dela, exprimem-se sentimentos e ideias mediante um modelo de comunicação poética (Andrade, 1980).

O estudo se deu na cidade de Parintins, a leste do Amazonas, em uma escola pública da rede estadual de ensino, com turmas seletivas do 2º e 3º ano do ensino médio. Buscamos refletir sobre implicações no processo de ensino e aprendizagem, e em que medida a construção da realidade pelos alunados pode ser realizada mediante a escuta musical. O trabalho trouxe como questões norteadoras duas perguntas: i) como a música pode contribuir para o desenvolvimento de competências críticas? e ii) de que maneira se pode fazer a contextualização presentificadora da realidade via oficinas de leitura?

O estilo musical utilizado no estudo foi pleiteado da banda Legião Urbana (*rock*) e do grupo Racionais MC's (*rap*). Os Racionais MC's<sup>3</sup> e a Legião Urbana<sup>4</sup> são de diferentes épocas e possuem discursos críticos em suas composições. O gênero musical da Legião Urbana, o *rock*, segundo Friedlander (2004), surgiu nos anos 1950, nos EUA, com raízes na música afro-americana, sendo fruto de uma mistura de estilos: *blues*, *gospel* e *rhythm and blues*, além de *folk* e *country*. O Racionais MC's cultua o *rap*, popularizado nos anos 1990 no Brasil a partir do *hip hop*, outrora surgido nos EUA (Lehnen, 2007).<sup>5</sup>

### Sobre a música e o ensino

A música é uma arte que pode ser usada como auxílio na área de ensino. Granja (2010) sugere que o conceito de música varia de cultura a cultura e, embora a linguagem verbal seja um meio de comunicação, pode-se constatar que não é universal no âmbito da construção de músicas, dado que cada povo tem sua língua e seus modos de expressão sonora e harmônica. A música serve como modo de denotar sentimentos. É arte rica para se

<sup>3</sup> Formado em 1990, por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay.

<sup>4</sup> Formada a princípio em 1980 por Renato Russo e Marcelo Bonfá.

<sup>5</sup> A Legião Urbana surgiu nos anos 1980 e os Racionais MC's nos anos 1990. Ambos apontam temáticas, na maioria dos seus discursos, de denúncia acerca de descasos públicos e sobre a vida em ambientes de periferia.

combinar sonoridades e, por isso, segundo Ferreira (2010), proporciona o despertar intelectual em amplo sentido.

Em concomitância à discussão sobre sentimentos, e antes de partir para o conceito de música, utilizado para embasar o mote do estudo, faz-se necessária uma breve discussão acerca dessa arte como ferramenta relevante para entender o mundo enraizado num processo de cognição. Granja (2010) aponta que a música desempenha papel importante na formação individual no tocante aos aspectos que ajudam a compreender vivências e o meio social através do discurso, que se objetiva na formação de um caráter crítico e reflexivo.

Com base nessa perspectiva, atividades musicais em escolas podem ter objetivos profiláticos relacionados a aspectos físicos e psíquicos. Desenvolver atividades com musicalização em salas de aula possibilita a educandos exercícios capazes de aliviar tensões e estimular ambientes tendo em vista a ordem, a harmonia e a organização. Contribuições da música enquanto aspecto cognitivo são da seguinte ordem: i) sensorial, ii) corporal, iii) tácita, iv) interpretativa e v) projetiva. A partir das seguintes categorias *a priori* podemos inferir sobre aspectos que estas englobam, de forma sintética, e como podem ser relevantes nos diferentes processos de ensino e aprendizagem.

A percepção sensorial, como denomina Peirce (2003) é, antes de tudo, um nível de primeiridade, haja vista que ela é precognitiva e está diretamente ligada a órgãos dos sentidos. Caracteriza pela multissensorialidade, ou seja, a não fragmentação da percepção conforme órgãos de sentidos. Na prática, sob o viés do autor, funciona como sensação de se ouvir música sem qualquer juízo ou preocupação refletir e selecionar o que se escuta.

A percepção corporal, segundo Merleau-Ponty (1999), está relacionada pela filtração realizada pelo nosso aparelho sensorio-motor e está ligada com algum tipo de reação no corpo. Compreendemos que a percepção não se constitui apenas por processo mental, mas algo que engloba a integração entre corpo e mente, exemplificando-se de tal forma: o educando ouve música e projeta o que entende, o que escutou. A percepção tácita, sob o viés de Polanyi (1983), é a percepção da corrente de integração tácita para elementos subsidiários que não são diretamente perceptíveis, mas estão ali presentes.

No que tange à percepção interpretativa, Granja (2010) supõe que se constitui pela interpretação e pelo julgamento perceptivo, criando um novo signo que resulta num pensamento, numa sentença ou ação. A percepção está ligada à noção de terceiridade. A

nosso ver, aos processos de representação, interpretação e generalização do pensamento. Em síntese, auxilia o educando a compreender um objeto explorado em uma canção e a progressão da mensagem que transmite, propondo assim a interpretação da realidade.

Por fim, a percepção projetiva, sob a ótica de Marina (1995), caracteriza-se por ser uma percepção de caráter ativo, direcionada por um sujeito segundo um projeto, uma intencionalidade, uma finalidade. Essa percepção contribui para o processo de ensino e aprendizagem na relação do pensar e da análise crítica. Partindo desses pressupostos, a música possui e engloba aspectos que podem contribuir para o educando entender e se perceber no mundo. Assim, partimos para o conceito de música que norteará o objeto de pesquisa.

O conceito para a pesquisa é alusivo à perspectiva da música a partir da ideologia grega, sem se limitar à dimensão sonora, intercalando-se à dança, poesia, filosofia e metafísica. Granja (2010) sugere que “a música ou *musiké* estava inserida num complexo de atividades relativas não só à cultura, mas também à educação e ao conhecimento” (p. 25). Em *Ouvir o logos*, Tomás (*apud* GRANJA 2010) propõe que o conceito de música era proximal na antiguidade ao conceito de *logos*. A *musiké* podia ser compreendida em âmbito particular, englobando o que envolve uma produção sonora (canto, dança, poesia e teatro), e em âmbito geral, ultrapassando o fenômeno sonoro e equiparando-se a harmonias como forma de organização do pensamento.

A música oportuniza a discussão de temas atuais da sociedade. As disciplinas escolares, *a priori*, são a base para essa discussão, mas, no cotidiano, são efetivadas com foco maior em questões ligadas ao ensino. No caso da Língua Portuguesa, outrossim, a controvérsia recai no ensino de padrões da gramática e construções normativas. Vale ressaltar ainda que no Ensino Médio a dinâmica escolar, ano após ano, é concentrada no conteúdo de vestibulares e programas de ingresso em universidades, o que nos leva a crer que seja preciso repensar esse cenário — contrapondo-se à intenção de transformar escolas em instituições de formação para o mercado de trabalho.

Nessa direção, trabalhar a perspectiva musical pareceu ser caminho razoável. E ainda, pareceu ser atividade a proporcionar reflexões sobre a condição humana e fomentar o senso crítico coletivo. Outrossim, acreditar no desenvolvimento de perspectivas musicais no âmbito escolar como proposta a análises interpretativas, tendo em vista a criticidade de

alunos, representa ação importante no tocante à construção de saberes adjacentes à educação formal. Ademais, a partir de análises e discussões de letras musicais, com a perspectiva de reflexão e postura crítica ante a sociedade, foi propósito investigar injustiças sociais e posturas ambíguas de grupos hegemônicos (Antunes, 2003; Ferreira, 2010).

Entendemos como base da questão o fato de que o ensino de Língua Portuguesa em sala de aula, em boa medida, limita-se a pressupostos regimentais que normatizam as atividades docentes. Importava, portanto, identificar meios alternativos para agir de modo proativo na prática educacional. Um desses meios, assim acreditamos, é a música. Compreender e analisar discursos presentes em letras musicais, portanto, seria um caminho para a melhora da qualidade do aprendizado. Alicerçados nisso, fornecemos subsídios para que fossem acessados determinados assuntos e, a partir deles, houvesse discussões ligadas a contextos sociais. A meta foi triangular o que se estudou em livros formais com o que foi ouvido ante a realidade do presente.

### **A leitura crítica e reflexiva**

O ato de ler vai além da decodificação de palavras. É por meio da leitura que se pode granjear uma visão melhor de mundo e de si próprio. “[...] Ler é configurar uma terceira história, construída a partir do impulso movedor contido na fragilidade humana” (QUEIROZ, 1999, p. 23). A leitura, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, é ferramenta essencial na busca da liberdade de alunados para a expressão de ideias, para o compartilhamento de valores e ideologias, e, acima de tudo, para o questionamento da realidade.

Silva (1999) fala da necessidade de profissionais da educação desenvolverem leituras críticas de mundo. Lajolo (2002) supõe que o correto seria ler realidades e não palavras em si mesmas. Sena (2001) interpreta que palavras possuem poder construtivo dado o privilégio do intelecto e da comunicação. Martins (2006) afirma que “a função do educador não seria a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a própria aprendizagem conforme interesses, fantasias, dúvidas e exigências que a realidade apresenta” (p. 34). Para Jacchieri (1999), refletir sobre a realidade humana é conseguir assimilar o status do presente, pensar sobre ele e reimaginá-lo. Almeida (1999) destaca que miséria social e a miséria da língua confundem-se no âmbito da sociedade.

Profissionais da área da educação, porquanto, têm a responsabilidade de trabalhar para a construção de um mundo justo e igualitário na medida em que promovam ações de incentivo à leitura. É dentro da escola que deve ser feita a busca. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2009, p. 11). A partir da afirmativa, temos que a música proporciona autonomia e oportunidade de criar leitores críticos e autônomos.

## **Metodologia**

A abordagem é de natureza qualitativa, o que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), consiste em ter o ambiente/sociedade como fonte de dados e o agente pesquisador como principal instrumento, o que leva ao contato direto com o sujeito/objeto pesquisado. O desenvolvimento da pesquisa foi realizado via aplicação de questionários e oficinas. Com o objetivo de coletar dados, foi pressuposto o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sob a ótica de legalidade e ética.

A pesquisa foi exploratória e inferencial. Foram analisados e descritos dados coletados mediante interpretações embasadas em apontamentos teóricos. A pesquisa versou sobre o modo indutivo de interpretação de resultados e o significado foi uma preocupação essencial na abordagem. A verificação explicativa foi feita sob a ótica da análise do discurso, analisando textos com proximidade ao objeto de investigação. O estudo deu enfoque ao objeto em razão da utilização da música em aulas de Língua Portuguesa.

Como instrumentos, foram utilizadas fontes secundárias, tais como livros, pesquisas, artigos, revistas e monografias. Também consultamos documentação direta por meio de diários de campo, onde foram feitas observações concernentes à realidade em foco. Após a aplicação e utilização de questionários e observações, houve oficinas de leitura elencando a música no ensino de Língua Portuguesa, especificamente na formação de leitores críticos e autônomos em relação à realidade. Foram selecionadas as músicas ‘Homem na Estrada’ e ‘Negro Drama’ (do grupo Racionais MC’s) e ‘Que País é Esse?’ e ‘Perfeição’ (da Legião Urbana).

A escolha das músicas se deu pelo fato de abordarem temas críticos. Também se fez a aplicação de questionário como meio de perceber o gosto musical de alunados e se queriam que atividades envolvendo músicas fossem desenvolvidas em sala de aula de

Língua Portuguesa. As oficinas foram efetivadas com turmas selecionadas e se orientaram mediante técnica de grupo focal. Para chegar ao cerne investigativo, “desenvolver o senso crítico dos alunos por meio de oficinas de leitura, tomando como suporte a música”, traçaram-se os seguintes caminhos: i) desenvolvimento junto a alunos, por meio de análise de letras musicais, de competências críticas; ii) realização da contextualização presentificadora<sup>6</sup> durante oficinas de leitura; e iii) verificação de contribuições da música no Ensino de Língua Portuguesa na formação crítica para a vida.

A primeira oficina foi aplicada com duas turmas de 3º ano do Ensino Médio, intitulada de “Meu Olhar Sobre a Periferia”; a segunda, intitulada “A Realidade da Periferia Através da Música”, foi aplicada com uma turma do 2º ano. Atividades e procedimentos das oficinas assim se deram: i) no primeiro momento, propôs-se dividir as turmas em dois grupos e logo após foi feita breve abordagem sobre a importância da leitura e da música na perspectiva dos teóricos elencados por nós para o estudo (ver tópicos iniciais); ii) a partir disso, foi feita breve abordagem sobre o *rock* e o *rap* como protesto e arte, na perspectiva de Ferreira (2011); iii) sequencialmente, foram tocadas e cantadas duas músicas com os alunos, uma dos Racionais MC’s e outra da Legião Urbana, usando violão e voz; iv) depois, houve discussão a respeito do cotidiano em periferias da cidade, sendo que o objetivo foi fazer germinar compreensões acerca da música como arte reflexiva para a vida, dentro de um cenário de contextualização da realidade.

### **Resultados e discussão: Meu olhar sobre a periferia**

No tópico, discutimos a produção de acordo com as atividades propostas. Participantes foram caracterizados e identificados por letras e números, a fim de preservar suas identidades, bem como a escola. Os resultados dizem respeito à primeira oficina realizada com as turmas do 3º ano A e 3º ano B, intitulada “Meu olhar sobre a periferia”. Músicas utilizadas foram ‘Homem na Estrada’ (Racionais MC’s) e ‘Que País é Esse?’ (Legião Urbana). Após reflexões, foram produzidos textos e depois houve a análise. Propomos perguntas durante o debate. Participantes teriam que mencionar o local da cidade onde moravam, além de fazer breve abordagem, na sua perspectiva, sobre o lugar (bairro) de sua

---

<sup>6</sup> Contextualização presentificadora se refere ao professor atualizar a obra para a realidade do aluno. Trazer a obra, texto ou música para o contexto em que o aluno vivencia, ou seja, para a sua realidade.

casa. Depois, eram correlacionados os temas das canções com a realidade das pessoas entrevistadas. Eis os textos resultantes:

Eu moro no Bairro Itaúna. No lugar onde eu moro tem um pouco a ver com a música dos Racionais, pelo fato de ter alguns descasos públicos com algumas ruas, e a venda de Drogas, no entanto que na rua onde moro é um ponto de Drogas onde já aconteceu vários crimes. As músicas trazem uma reflexão sobre a Desigualdade Social, não somente do lugar onde moramos, mas uma triste realidade que está predominante em diversos lugares do País, sendo que a música aborda temas reais de pessoas que vivem em periferias e o descaso de pessoas com influência como os governantes perante toda essa situação. Sim. Parintins tem bairros periféricos onde alguns casos situados na música acontecem de fato (Entrevista de campo, 2018 – Indivíduo A1).

A pessoa A1 relata que, na sua percepção, a música do Racionais MC's pode ser comparada com a realidade do lugar onde vive. Para ela, “pelo fato de ter alguns descasos públicos com algumas ruas e a venda de drogas”, há similaridades relacionadas a comportamentos de grupos e coletivos vizinhos. O disposto nos proporciona fazer uma contextualização ante a realidade apresentada na música do grupo de *rap*, comparando a descrição de como é a periferia, em termos gerais, no Brasil. Na visão de A1, músicas abordadas nas oficinas trazem reflexões sobre outrem, sobretudo em relação ao que acreditamos serem atos de alteridade. A partir da abordagem, pode-se destacar que a pessoa também fez a contextualização presentificadora, trazendo para seu entendimento o discurso musical observado, e, dessa forma, conseguindo iniciar o desenvolvimento de um caráter crítico e reflexivo.

Com isso, concordamos com Ferreira (2010) quando comenta que “nunca devemos esquecer que a música é, além da arte de combinar os sons, uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro, e assim devemos compreendê-la” (ID., *op. cit.*, p. 17). Pode-se perceber que a realidade ora retratada pela escrita do indivíduo A1 é a mesma, guardadas as proporções, com a de São Paulo, sobretudo por meio do cenário explicitado nas músicas do grupo Racionais MC's.

Moro no centro, acredito que não seja uma área periférica; não vejo tantas críticas sobre o local que eu moro, os lixos são coletados com frequência, as árvores são podadas e as ruas são limpas, vejo que todos os moradores cuidam do lugar, mas também há aquelas pessoas



que não cumprem com seus deveres de cidadãos educados e acabam sujando de certa forma o local, mas na maioria das vezes o local é limpo! As duas músicas mostram a realidade do Brasil e de uma área do Brasil, ou seja, das periferias das cidades, refletimos o fato da corrupção que ocorre no Brasil, sobre as cidades que compõem. A música de Mano Brown reflete sobre a vida de cada pessoa na favela, as maneiras de vencer a vida, mesmo tendo as armadilhas da Droga, ou algo do tipo. Sim, pois nesta cidade também tem áreas periféricas e também existe a corrupção pelo lado dos políticos que aqui governam (Entrevista de campo, 2018 – Indivíduo A2).

Notamos diferença no que diz respeito ao local onde o sujeito mora. Ele reside no Centro da Cidade de Parintins e afirma que “não é uma área periférica [...] não vejo tantas críticas sobre o local que eu moro. Os lixos são coletados com frequência, as árvores são podadas e as ruas são limpas. Vejo que todos os moradores cuidam do lugar [...]”. A partir do enunciado, vale destacar uma visão diferenciada do que se costuma observar sobre um lugar denominado como periférico, tendo em vista que A2 faz comentário a respeito do lugar onde mora ser mais limpo e que o mesmo não vê, e pode-se supor que não escuta, críticas sobre seu bairro, diferente do que entendemos de forma socialmente ser a visão de um lugar periférico. Porquanto, inferimos novamente a ideia de Ferreira (ID., *op. cit.*), quando comenta que se o professor “[...] tiver a oportunidade de praticar a música, melhor ainda, pois seu domínio se ampliará e o próprio professor passará a ter mais discernimento para elaborar trabalhos mais bem adaptados à realidade de seus alunos” (p. 14).

A pessoa participante se mostrou reflexiva e crítica em relação ao discurso musical apresentado. A partir de seu depoimento, entendemos que há grande diferença entre bairros do centro da cidade e periféricos. A nosso ver, foi simbólico na narrativa perscrutada a afirmativa de que o poder público abandona a periferia com intenção de conceber a fragmentação da cidade, excluindo assim aquele povo que, perante a Constituição, merece o mesmo respeito e tratamento ante demais cidadãos. Sob a perspectiva, Lehnem (2007) aborda que a fragmentação cidadina acontece tanto em termos locais, na ideologia da cidade partida, como em termos de uma política que nega a igualdade a populações pobres, privando-as, principalmente, de serviços oferecidos pelo poder público, como educação, segurança, saúde e saneamento. Tal reflexão e inferência nos remete a um cenário degradante.

A partir de abordagem correlacionada por A2, essa pessoa, apesar de morar em um bairro do centro, reflete com alteridade sobre a questão de outrem e tem visão crítica do

sistema, o qual fragmenta não somente a escola, mas a sociedade no geral, engendrando assim posicionamento de Marx e Engels (1996), quando eles nos remetem a um sistema alienante refletido na luta de classes. A periferia, assim, é marcada a partir de uma ideologia excludente, que nega ações de igualdade, independente de cor, raça, religião ou filosofia de vida (Constituição Federal, 2018).

Inferindo nossa subjetividade a partir da fala de A2, temos ainda que esse *ethos* – a partir de categorização dos que moram em bairros periféricos e dos que moram no centro da cidade – vem se articular com a necessidade de sobrevivência, ancorada na ideia de resistência a valores associados com consumo, vindos da sociedade capitalista. Analisando o discurso do grupo de *rap* e o depoimento acima, inferimos que a noção de criminalidade perpassa pelo antagonismo e a representatividade do acesso a bens de consumo, o que significa *per se* uma cultura da desigualdade. Porquanto, entendemos a relevância da música no ensino e aprendizagem, a profissionais e a educandos, no que concerne a se pensar e refletir a condição humana, visando bem-estar, cidadania, formas de pensar e analisar criticamente o contexto e o ambiente sociocultural.

Itaúna II, nas quebradas onde eu moro, é um lugar decente, mas sem a visão política é [uma área] abandonada. Aí se torna muitas vezes uma precariedade, mas se fosse valorizada não se tornaria uma malandragem. E por morarmos nas periferias sofremos muitas vezes preconceitos e desigualdade. Não somos o que o povo pensa, mas sim o que vivemos, trabalhamos como todos para que todo dia seja colocado na mesa o pão de cada dia (Entrevista de campo, 2018 – Indivíduo A3).

A pessoa A3 também mora em uma zona de periferia e sublinha o preconceito que enfrenta no cotidiano. Ela faz contextualização presentificadora e traz para a realidade, para o lugar onde mora, reflexões de caráter crítico em relação ao ambiente. Destacamos o texto no que tange à descrição do ambiente periférico, pois segundo a pessoa entrevistada, que mora e interage com o local, a periferia é um lugar decente como qualquer outro, porém, sem a esfera política, e sem cuidados e investimentos governamentais, torna-se um ambiente abandonado, à mercê da criminalidade. Percebemos que tal ambiente não é valorizado e, por consequência, ocorrem discriminações e preconceitos. Assim, o que se interpreta é que o Estado faz uma prática da verbalização da desigualdade e do não comprometimento com o social.

Tomando como suporte o discurso de A3, notamos que tanto de forma epistemológica quanto hermenêutica o outro desaparece frente a múltiplas práticas de exclusão por grupos hegemônicos. E membros em comunidades excluídas ainda se tende a reproduzir, em certa medida, a perspectiva racional das classes dominantes, que não somente os relega à margem da sociedade, mas ainda os configura sob os termos do outro, o ameaçador. Rodrigues (1992) aponta o fato de que se vive um conflito entre uma sociedade urbana, moderna na aparência das leis, mas antiga na condução política, com sociedades subdesenvolvidas, interioranas. E políticos e grupos sociais dominantes tratam as sociedades subdesenvolvidas como sociedades de não-cidadãos, desprovidos de identidade. É quando se reproduz a crueldade em diferentes formas e intensidades, contribuindo para um adiamento da conquista de uma real democracia vivenciada.

O *rap* nacional e o *rock* brasileiro buscam denunciar a exclusão social e o racismo em termos de musicalidade, e objetivam, via cultura *hip hop* e discurso crítico, exprimir interpretações sobre a paisagem da cidade e a realidade da periferia, dos bairros em descaso, através de suas letras e reflexões urbanas, divulgando concepções que denunciam a violência, a perseguição policial e a discriminação do Estado. Em Parintins, a partir da fala do A3, encontramos igual cenário de precariedade, de abandono, de marginalização e perseguição, o que contribui para a propagação de uma imagem idealizada do *locus* periférico e das pessoas que ali residem. E foi exatamente nessa direção reflexiva que almejamos realizar as aplicações das oficinas, propondo entendimento sobre a relevância do contexto social e levando temas e debates essenciais no processo de ensino e aprendizagem. No tópico seguinte, analisamos textos de outra oficina aplicada com outra turma de ensino médio.

### **A realidade da periferia através da música**

O presente tópico dá nome à segunda oficina realizada com alunos de uma turma de 2º ano. As músicas ouvidas foram *Negro Drama*, dos Racionais MC's, e *Perfeição*, da Legião Urbana. Após reflexões e debates sobre temas sociais destacados nas músicas, alunos produziram textos para análises.

As músicas vindas do rap abrange grande polêmica na sociedade por trazer à tona o que a todo custo tentamos esconder. São voltadas geralmente para descrever a realidade em que vivemos, tentando mostrar a miséria, violência, o uso de drogas e também falar do local em que moramos. Exemplos do que o rap tenta retratar são a corrupção em nosso país que atinge diretamente nossa cidade tais como o abandono e descaso com a população, falta de atendimento em postos de saúde igual para todos. O racismo que sofrem os moradores de favelas, cortiços por serem negros são taxados como bandidos, pobres ou mendigos. O rap vem falar o que nós em quanto cidadão temos medo, de pedir e exigir por nossos direitos como liberdade, igualdade, fraternidade, vida digna, uma casa, uma família, água potável e etc. Por isso o rap cada vez mais vem ganhando destaque em meio a população (Entrevista de campo, 2018 – Indivíduo A1).

Na perspectiva de A1, o *rap* como voz da periferia busca retratar problemas sociais muitas vezes escondidos ou relegados a segundo plano (Lehnen, 2007). De acordo com a inferência teórica, o *rap*, sim, é entendido como voz da periferia, ao contrário do que grupos hegemônicos de mídia divulgam, criando e impondo conceitos sobre esses lugares, marginalizando pessoas que ali moram. Na perspectiva de A1, o *rap* retrata conflitos existentes no âmbito da sociedade e que atingem diretamente a cidade onde a pessoa entrevistada vive, trazendo consequências negativas, como abandono e descaso à população. Na entrevista, foi destaque a questão do racismo e do preconceito contra moradores de áreas de periferia.

A partir do relato de A1, o discurso do *rap* brasileiro se caracteriza pela crítica a mentalidades que incentivam atos de intolerância. A mensagem repassada por muitas dessas produções musicais — podemos destacar também o discurso do *rock* com tal finalidade — aponta a falta de alteridade como um dos estopins para o despedaçamento do tecido social brasileiro. A cultura da desigualdade, da falta de isonomia, do racismo, da separação entre pobres e ricos, além de demais práticas grosseiras que permeiam os dias atuais, remete-nos a refletir sobre a existência de distorções no pensamento que se espraia no cotidiano. O poder público prega uma visão de inclusão social, porém não é isso que se assiste ou nota. O que se presencia é a cultura da exclusão.

Porquanto, entendemos que a música no ensino de Língua Portuguesa reflete a necessidade de alunos em se expressarem sobre seu meio e sua cultura via reflexões e debates mediados. Segundo Freire (2013), a responsabilidade da docência é enorme porque a natureza de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como se realiza o estar presente na vida. Assim, reflexões provindas de educadores a respeito de temas

relevantes a serem debatidos em sala de aula apontam para a noção do quanto essa responsabilidade educadora deve se fazer atuante. Freire (2013) ainda nos orienta que devemos nos perceber no mundo, adaptando-nos, vendo o futuro e o agora como algo a ser planejado e executado.

Moro no bairro de Santa Clara, próximo ao hospital Jofre Cohen. O meu bairro é um lugar bom demais para morar, é um bairro bastante calmo, não tem confusões, é um bairro bem preservado. Falando sobre esse assunto de críticas sobre a realidade de hoje do nosso dia a dia, a música que o prof. passou é de se refletir bastante, só assim nos vimos o quanto têm pessoas passando por coisas, situações piores do que a nossa, que estão sempre sendo discriminadas, recebendo críticas, por serem pobres, por morarem em bairros humildes ou até também pela sua cor ou etnia. Na minha cidade isso acontece bastante, principalmente pela qualidade de vida de cada um, sempre tem um pra apontar o dedo, pra ver o defeito do outro, pra reparar o jeito que aquela tal pessoa se veste, ou lugar onde ela mora, na minha opinião isso não é necessário, cada um merece ser feliz do jeito que dá, direitos iguais para todos, é a essas pessoas que realmente precisam que são humildes que o prefeito de Parintins precisa e deve ajudar, porque lá na frente Deus recompensará o seu trabalho porque devemos em primeiro lugar dar uma mãozinha pro próximo, porque ninguém sabe o dia de amanhã (Entrevista de campo, 2018 – Indivíduo A2).

O indivíduo A2 demonstrou visão crítica e reflexiva em relação a problemas sociais. As minorias estão nitidamente representadas nas músicas dos Racionais MC's e da Legião Urbana, segundo destaque dessa pessoa, bem como seus valores e ideias, outrora mantidos à margem da sociedade. Na narrativa, as letras foram identificadas como tendo teor crítico. Analisando a fala de A2, podemos destacar a visão conflituosa do Brasil, por exemplo, entre a favela e o centro, interposta mediante a crítica do desabamento das responsabilidades cívicas do Estado, sedimentadas por medidas neoliberais.

O *rap* e o *rock*, associados às comunidades pobres, estas vistas como centros do crime e pontos de narcotráfico, são percebidos pela sociedade em certo plano como expressões musicais de rebeldia da periferia. Ao mesmo tempo, esses gêneros musicais também são notados como elemento cultural com viés ameaçador à ordem vigente. A construção do discurso do *rap* nacional e do *rock* brasileiro nos remete a uma cartografia traçada da segregação, ao que interpretamos, com exposições de fraturas no mapa nacional, dentro de uma construção histórica já com enormes rupturas. As próprias cidades, tradicionalmente

vistas como centros de encontro de grupos sociais, étnicos, culturais, já não se apresentam como entidades de convergência e coabitação.

Em vez disso, o que se manifesta em tais discursos é o modelo de cidade partida, dividida em categorias, em zonas separadas e contato interpessoal, quando ocorre, é de forma tensa. A construção de uma cidade despedaçada, cuja convivência social se não desemboca em conflitos sociais é quase inexistente, tem sua origem tanto na distribuição de renda díspar, que impera no país, quanto na falsa moralidade disfarçada de norma social, que permeiam o discurso nacional dominante. Tais perspectivas encontramos no depoimento do A2 quando fala da fragmentação de Parintins, onde a desigualdade se propaga na esteira do descaso do poder público com a imagem real do município.

Eu moro no Bairro Itaguatinga, mais conhecida como rua vermelha, pois neste bairro há muita droga. O nome rua vermelha foi os policiais que botaram. Na rua onde eu moro quando é inverno a rua fica alagada e para vim para escola temos que ir pela ponte e também há pessoas que fumam direto droga naquela rua, pois lá tem boca de fumo. Já trocando de assunto ou não vou falar sobre as músicas, na música Negro Drama nos revela como é o nosso povo e mostra a realidade de muitas pessoas assim como de fora e daqui de Parintins. Pois nos dias de hoje se um negro estiver brigando um branco, os policiais vão levar o negro, mais mesmo se ele não fez nada. Os policia de hoje eles são muito preconceituosos e racistas. Na música *Negro Drama* mostra que um favelado tem muita diferença do que um que mora no bairro que não há favela. Na nossa sociedade era para todo mundo ser igual mesmo sendo favelado ou não. Nas músicas nos mostra que Parintins está quase desse jeito se ainda não está, pois em Parintins a sociedade estar precária, por exemplo tem pessoas que vivem em situação muito ruim em Parintins. Se o governo fosse melhor nada disso estaria acontecendo. Vamos mudar isso! (Entrevista de campo, 2018 – Indivíduo A3).

A partir das discussões, temas sociais presentes nas músicas do *rap* e do *rock* foram comparados com a realidade do município ou até de outro ponto do país. Foi significativo perceber que a pessoa A3 diz morar em uma zona periférica conhecida como “rua vermelha” porque a própria PM assim denominou aquele espaço, caracterizando-o, portanto, como área de marginalidade e violência. Uma caracterização do Estado para uma área de periferia. É manifesto o pensamento e a nós pareceu dizer muito sobre a percepção coletiva sobre quem vive em Parintins. E ainda, de modo simbólico, fica suposto que o sujeito remete sua visão crítica às atitudes da PM, pois, segundo a pessoa entrevistada, “os policia de hoje eles são muito preconceituosos e racistas”.

Foi importante certo trecho, aqui reproduzido: “na música *Negro Drama* mostra que um favelado tem muita diferença do que um que mora no bairro que não há favela. Na nossa sociedade era para todo mundo ser igual, mesmo sendo favelado ou não”. Ou seja, este trecho para nós esclarece que o sujeito A3 se identificou com o *rap* por causa da descrição de injustiças presentes no dia a dia. Contextualizando para a realidade da pessoa entrevistada, ela entendeu que músicas utilizadas nas oficinas de leitura retrataram exatamente a cidade.

Ela destacou que a cidade está precária e há inúmeras pessoas que vivem em situação degradante. Essa interpretação foi interessante de se notar, haja vista que “[...] a arte nos atinge de uma maneira mais sintética e direta, ao que chamamos de percepção estética. Sua linguagem é aberta a interpretações e tem um caráter mais expressivo do que explicativo (GRANJA, 2010, p. 104). Porquanto, a música, como arte, oportunizou na entrevista a interpretação e a contextualização presentificadora no que diz respeito à realidade.

### Análise do questionário

Após a realização das oficinas foi aplicado, em três turmas do Ensino Médio, um questionário com perguntas ligadas à música. Foram lançadas demandas em relação não somente ao tipo de música preferida, mas também se gostariam que a música fosse utilizada em aulas de Língua Portuguesa. Também foi perguntado se docentes desenvolvem atualmente ou já desenvolveram atividades ligadas à música. Igualmente, foi proposto que justificassem preferência a determinado(s) gênero(s) musical(is) e se tenderiam a gostar que atividades de Língua Portuguesa que tivessem como suporte a música e fossem desenvolvidas nas aulas.

Turma: 3º ano/1   Qual gênero musical que você mais gosta? Justifique.	
Alunos	Respostas
A1	“Eu gosto muito de rap, principalmente quando falam sobre os problemas da sociedade, expressam sentimentos, contam uma realidade. Também gosto de rock, sei que são gêneros “diferentes” (para alguns), mas para mim também é um estilo que me faz bem escutar, as letras são bastante ousadas”.
A2	“Sertanejo e Rock leve, gosto de sertanejo porque me fazem lembrar de alguns momentos bons que vivi e o rock leve como Legião Urbana,

	Detonautas, Skank, falam muito sobre a realidade, sociedade, família, costume, me fazem viajar em meus pensamentos”.
A3	“Sertanejo Universitário, Rock. Eu creio que o sertanejo vai mais pela questão emocional fala, mas sobre sentimentos, já o rock podemos observar se pegarmos uma música de rock retrata sobre o caos que a sociedade enfrenta”.
A4	“Rock ‘n Roll, e gosto de Rock porque é um gênero que mostra a realidade de uma forma que todos entendem, as músicas de rock têm letra e uma bela melodia”.
A5	“Gosto de rap, pois é um gênero que aborda alguns problemas sociais, e os relata através de rimas”.

A partir das respostas mensuradas por categorias em relação ao gosto musical, percebemos traços comuns. Primeiro, que a maioria dos alunos escolheu dois gêneros diferentes, mas que dialogam entre si e são similares: fazem denúncia social. O *rap* e o *rock* abordam questões ligadas à realidade das ruas e problemas vividos em sociedade. Entre as respostas, destacam-se algumas que vão ao encontro da proposta do projeto. A1 afirma: “Eu gosto muito de rap, principalmente quando fala sobre os problemas da sociedade, expressa sentimento, conta uma realidade. Também gosto de rock. Sei que são “diferentes” (para alguns), mas para mim também é um estilo que me faz bem escutar, as letras são bastante ousadas”.

A apreciação pelos gêneros *rap* e *rock* se dá pelo fato de tocarem em sentimentos relacionados a protestos e revoltas coletivas. Nessa perspectiva, a resposta de A1 aponta: “[...] sei que são gêneros “diferentes” (para alguns), mas para mim também é um estilo que me faz bem escutar, as letras são bastante ousadas”. Nas respostas, não somente desse conjunto de entrevistados, mas quase em todas as situações, foi citado o sertanejo universitário “mais pela questão emocional, que fala sobre sentimentos [...]”. Cabe notar que o gênero, tempos atrás, possuía maior caráter de denúncia em seus discursos, assim como o *funk*, mas hoje vem perdendo parte de sua originalidade musical, não em ritmo, mas em composição.

Turma: 3º ano/1 | Qual é o gênero musical que você mais gosta? Justifique.

Alunos

Respostas



A6	“Eu gosto de Rock, por que as músicas me revelam coisas boas, assim como o Rap, que mostra realidades cotidianas, mostram muitas coisas que são escondidas ou maquiadas”.
A7	“Eu gosto de rap, pois é um estilo de música que repassa várias mensagens no decorrer da música de acordo com o nome da música”.
A8	“Eu gosto de ouvir rap, porque nas letras retratam muito a realidade, e falam coisas que as pessoas normalmente não gostam de ouvir, por exemplo: a verdade”.
A9	“Rock, pop, reggae, mpb, boi-bumbá e eletrônica. Rock por ter esse tom mais crítico, e agressivo que transmite liberdade de expressão. O reggae por ser tranquilo, e falar da natureza e sua relação com o homem, assim como de sentimentos. MPB por valorizar o que meus país tem de bom, fazer crítica e trazer realidades de tempo e sociedade. Boi Bumbá, poesia que trata da realidade cabocla, e a nível regional de forma muito bonita, demonstra cultura e lendas. E eletrônica que mesmo com seu ritmo agitado, muitas vezes toca o sentimento e o íntimo do homem”.

Há respostas que são da mesma turma do conjunto respondente anterior. Analisando-as, fica claro que parte do alunado citou como gosto musical os gêneros *rap* e *rock*. Pois, como os mesmos afirmam, retratam a realidade social especificamente na periferia. Vale ressaltar que muitos alunos da escola e das turmas em que foram aplicados o questionário e as oficinas, moram nos bairros considerados periféricos da cidade. O sujeito A3 tem vários gostos musicais e o que é importante entender é se esses gêneros são escutados ou apenas ouvidos, considerando o que já foi visto sobre a diferença entre ouvir e escutar. Destaca-se aqui o *rock*, que na visão do sujeito é um gênero de “[...]tom mais crítico, e agressivo que transmite liberdade de expressão”.

Mediante o frisado, Snyders (2008) aborda que o rock tem familiaridade com a juventude por possuir tom crítico e revolucionário. É uma espécie de grito de revolta. Dessa forma, jovens encontram na música uma forma de abordar o que vivem, sem idealização. Com isso, a música pode ser trabalhada na escola e transferida para além dos muros da instituição. Para tanto, é preciso haver iniciativa dentro da instituição escolar, particularmente na sala de aula, na interação entre professor e aluno, para que aprendam juntos a lutar por um ideal de mudar a realidade.

Turma: 3º ano/1 | Você gostaria que atividades com música fossem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa? Justifique.

Alunos	Respostas
A1	“Sim, pois as aulas se tornariam mais divertidas, não se tornariam mais um “clichê”; pois muitas pessoas, alunos, ouvem essas músicas e de certa forma gostam, participam das aulas dando suas opiniões”.
A2	“Sim! Porque existem várias maneiras de adquirir conhecimento através da música, e fazer aulas diferentes não ficar apenas no normal de todas as aulas”.
A3	“Sim, eu gostaria, por exemplo no modernismo vários autores foram compositores “Vinicius de Moraes” com a obra “garota de Ipanema” uma forma de ensino diferente ficaria mais interessante e descontraída”.
A4	“Gostaria sim, não somente em Língua Portuguesa, mas em todas as matérias. Porque a música nos envolve e faz refletir, fazendo com que o ensino-aprendizagem flua melhor”.
A5	“Sim, por fugir da rotina, alegrar e interagir melhor com os alunos, além de conhecer diversos tipos de música, culturas e formas de expressão”.

No conjunto de respostas, percebe-se que a grande parte do alunado gostaria que atividades com música fossem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, por vários motivos. Na perspectiva de A1, aulas de Língua Portuguesa se tornam “clichê” porque deixam de utilizar artifícios alternativos, como a música. “[...] Muitas pessoas, alunos, ouvem essas músicas e de certa forma gostam, participam das aulas dando suas opiniões”.

Quando o sujeito se refere a “essas músicas” remete a canções que foram relatadas como preferência da maioria das pessoas entrevistadas, ou seja, o *rap*, *rock* e etc. Essa perspectiva é relevante, pois é necessário que o professor desperte em seus alunos a interação e que sejam expostos as suas ideias e concepções.

Outra abordagem nos relatos dos alunos, segundo perspectiva do sujeito A3, diz respeito ao entendimento. “[...] No modernismo, vários autores foram compositores. ‘Vinicius de Moraes’ com a obra ‘Garota de Ipanema’. Em uma forma de ensino diferente ficaria mais interessante e descontraída”. Aqui o sujeito A3 faz referência a um grande poeta e músico da arte brasileira.

Na mesma conjuntura, a partir do exposto, há ao menos um aspecto importante relatado pelo sujeito A5. Ele diz que atividades com música possibilitariam a alunos

“conhecer diversos tipos de culturas e formas de expressão”. Esse é um aspecto essencial, pois a música proporciona o conhecimento de novas formas de viver. E ainda. O que é designado com destaque é a análise nesses discursos musicais na perspectiva da sabedoria sobre a vida. Podem-se citar como exemplo, as músicas do Racionais MC’s que abordam o cotidiano da favela, da vida na periferia.

O professor desenvolve em suas aulas atividades com música?

<b>Turmas</b>	<b>Respostas</b>
3º ano 1	100% dos alunos que responderam o questionário disseram que “não”
3º ano 2	100% dos alunos que responderam o questionário disseram que “não”
2º ano 2	100% dos alunos que responderam o questionário disseram que “não”

Com base na abordagem e em uma conversa com *P1* sobre o motivo de não desenvolver atividades com música em sala de aula, foi respondido:

Eu não tenho muito tempo para planejar as minhas aulas, são apenas um dia semanal que tenho tempo livre para o planejamento. Não desenvolvo atividades com música em sala de aula porque não tenho muita familiaridade e também porque não escuto música, eu não tenho tempo para isso, e quando eu quero incluir alguma música para relacionar com determinado assunto que será trabalhado em sala de aula eu não a encontro e assim fica difícil (Professor de língua portuguesa, Diário de campo, 2018).

Muitos professores não escutam música porque alegam não ter tempo. O tempo escolar é exíguo e os dias para planejamento são limitados, a contribuir para que pouco se faça em termos de utilização de métodos alternativos para ensinar. Ademais, Granja (2010, p. 12) aponta: “[...] a música não é desenvolvida para uma determinada atividade proposta, mas sim uma atividade proposta faz uso dos recursos que cada música pode oferecer em cada caso”. E é dessa forma que professores, enquanto pesquisadores, deveriam trabalhar em sala de aula, enfocando um recurso rico como a música, sobretudo de forma inteligente, abordando temas pouco discutidos de modo ordinário em sala de aula. É, pois, com a afirmação que se finaliza a análise, visto que a partir de questionário e textos de oficinas percebemos gostos musicais e notamos ainda que a música nas aulas de Língua Portuguesa

- 352 -

é importante ferramenta para o desenvolvimento do caráter crítico e reflexivo de educandos, considerando suas visões de mundo e opiniões sobre o cotidiano.

## **Conclusão**

Concluimos, a partir de experiências vividas no estágio supervisionado, que a música pode exercer influência positiva como ferramenta de ensino em sala de aula, contribuindo na formação de leitores críticos e reflexivos, que interpretam suas realidades do presente. A música, nas aulas de Língua Portuguesa, não seria apenas para distração ou entretenimento. Acreditamos que se pode mudar a realidade escolar com o uso dessa ferramenta, considerada envolvente e contagiante para a abordagem de assuntos relevantes. Ademais, no momento em que é trabalhada a música em atos de ensino, ela se torna agente harmônico da construção de conhecimentos.

Notamos também, como conclusão que profissionais da educação, como mediadores, ao deixarem o alunado à vontade para fluir a imaginação por via musical, ajudam na percepção das próprias desigualdades sociais abordadas nas letras das canções. Musicalizar a escola, por esse viés, não seria apenas incluir a música como disciplina. Essa perspectiva deve implicar em um projeto de integração que ocorra em nível de conteúdo e ainda na construção de conhecimentos adjacentes.

Ao não entendermos como limitado o trabalho musical nas aulas de Língua Portuguesa, supomos um despertar para a criticidade com ajuda de letras musicais. Foi importante trabalhar o lado social com os alunos, analisando composições em sala de aula e levando o alunado a refletir sobre a condição humana. É nessa perspectiva que almejamos ter contribuído para se pensar políticas educacionais para a sala de aula, com intuito de fomentar a formação de pessoas reflexivas, que possam mudar a realidade do presente.

## **Obras citadas**

- Almeida, M. J. (1999) Ensinar Português? In: Geraldi, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.
- Andrade, Mário de. (1980) *Pequena história da música*. (Obras Completas de Mário de Andrade). 8ª. Ed. São Paulo: Martins Ed.
- Antunes, Irandé Costa. (2003) *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial.

- Bardin, L. (2009) *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA.
- Brasil. (2018) Secretaria de Documentação do. Constituição da República Federativa do Brasil [recurso eletrônico]. *Constituição de 1988*. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação.
- \_\_\_\_\_. (2000) Secretaria de Educação do. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEF.
- Ferreira, Martins. (2010) *Como usar a música em sala de aula*. São Paulo: 7ª.ed. Contexto.
- Freire, Paulo. (2009) *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez.
- \_\_\_\_\_. (2013) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Friedlander, Paul. (2004) *Rock and Roll: uma história social*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- Gainza, Violeta Hemsyde. (1988) *Estudos de psicopedagogia musical*. 3ª ed. São Paulo: Summus.
- Granja, Carlos Eduardo de Souza Campos. (2010) *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. 2. Ed. São Paulo: Escrituras Editora.
- Jacchieri, Carlos. (1999) A criança é um leitor, por acaso, analfabeto. In: Prado, Jason (Org.); Condini, Paulo (Org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus.
- Lajolo, Marisa. (2002) *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo Ática.
- Lehnen, Leila. (2007) Rap nacional: vozes da periferia e do protesto. In: Costa, Nelson Barros da. (org.) *O charme dessa Nação: Música Popular, Discurso e Sociedade Brasileira*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.
- Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. (2003) *Fundamentos de Metodologia Científica*. 59ª Edição São Paulo. Editora Atlas.
- Marina, José. (1995) *Teoria da inteligência criadora*. Lisboa, Caminho.
- Martins, Maria Helena. (2006) *O que é Leitura*. São Paulo: Brasiliense.
- Marx, Karl; engels, F. (1996) *Manifesto do Partido Comunista*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Merleau-Ponty, Merleau. (1999) *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes.
- Peirce, Charles. (2003) *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva.
- Polanyi, Michael. (1983) *The tacit dimension*. Gloucester, Peter Smith.
- Queirós, Bartolomeu Campos. (1999) O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: Prado, Jason (Org.); Condini, Paulo (Org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus.
- Rodrigues, Marly. (1992) *A década de 80. Brasil: quando a multidão voltou às praças*. São Paulo: Ática.
- Sena, Odenildo. (2001) *Palavra, Poder e Ensino da Língua*. 2ª. Ed. Manaus: Valer.

*Albuquerque, Renan; Cunha, Isaías dos Santos da. Inferências sobre o ensino de Língua Portuguesa entre escolares na Amazônia*

Silva, Ezequiel Teodoro da. (1999) A formação do leitor no Brasil: o novo/velho desafio. In: Prado, Jason (Org.); Condini, Paulo (Org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus.

Snyders, Georges. (2008) *A escola pode ensinar as alegrias da música?* Trad. Maria José do A. Ferreira. São Paulo: 5ª Ed. Cortez.